

## Influência da linguagem do professor no processo de ensino-aprendizagem

**Carlos Henrique Nascimento de Cristo Junior** <sup>i</sup> 

Prefeitura de Campos dos Goytacazes, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

**Luiz Eduardo de Oliveira Neves** <sup>ii</sup> 

Escola Municipal de Ensino Fundamental Talma Sarmento de Miranda, Cariacica, ES 

**Dalva Teresinha de Souza Zardo Miranda** <sup>iii</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, Nova Andradina, MS, Brasil

### Resumo

Os aspectos afetivos que permeiam as relações sociais estabelecidas entre a criança e o adulto determinam a construção da identidade e o valor que a criança dá a si mesma. As experiências vivenciadas e permeadas pela afetividade garantem uma riqueza de significados por toda a vida. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar as relações interpessoais entre professor e aluno diante da linguagem das primeiras séries do Ensino Fundamental em situações de aprendizagem. De modo específico, os objetivos centram-se em justificar a relevância da linguagem utilizada pelo professor no desenvolvimento do aluno e verificar a evolução do aluno diante da linguagem adequada dos professores. Quanto à metodologia utilizada, o presente artigo é fruto de uma revisão de literatura. Os resultados revelam que embora todos os outros processos educacionais sejam importantes, é a partir da linguagem adequada que se estabelecerá toda a forma de relação entre professor e aluno.

**Palavras-chave:** Afetividade. Linguagem. Relacionamento. Cognição. Processo de Ensino-Aprendizagem.

### Influence of teacher language on the teaching-learning process

### Abstract

The affective aspects that permeate the social relationships established between the child and the adult determine the construction of the identity and the value that the child gives to themselves. Experiences lived and permeated by affectivity guarantee a wealth of meanings throughout life. In this sense, this article aims to analyze the interpersonal relationships between teacher and student regarding the language of the first grades of elementary school in learning situations. Specifically, the objectives are centered on justifying the relevance of the language used by the teacher in the student's development and verifying the student's evolution in face of the adequate language of the teachers. This is a review article. The results reveal that although all other educational processes are important, it is from the proper language that all forms of relationship between teacher and student will be established.

**Keywords:** Affection. Language. Cognition. Relationship. Teaching-Learning Process.

## 1 Introdução

A afetividade está presente desde o nascimento da criança, onde ocorre uma busca constante de adaptação e interação com o mundo em que vive. Aspectos positivos ou negativos permeiam as relações sociais estabelecidas entre a criança e o adulto. No contexto escolar, tais relações ampliam-se num nível diversificado, exigindo da criança uma constante readaptação sobre o sentido e as formas como as coisas acontecem em sua volta. Muitos professores, embora tenham conhecimento de que o uso indevido da linguagem possa acarretar bloqueios na leitura, na escrita e na fala de seus alunos, continuam fazendo da linguagem um instrumento prejudicial ao desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem dos mesmos (FEITOSA, 2018).

O papel dos professores no processo ensino-aprendizagem é de extrema importância, pois, uma palavra e/ou um gesto podem marcar (de forma positiva ou negativa) a vida dos seus alunos, estimulando-os a crescer ou enclausurando-os num casulo de desilusões. Portanto, atenção à linguagem no relacionamento professor-aluno é tarefa premente do professor na atualidade, quando os laços de fraternidade parecem romper-se devido a um individualismo desmedido. Uma palavra mal dirigida pode destruir ou edificar para sempre o indivíduo (ZITKOSKI *et al.*, 2017).

Além dos aspectos cognitivos e sócio interativos que influenciam na aprendizagem, outra questão básica do aprender é o vínculo afetivo que deve ser construído entre a criança e o professor, pois essa relação promove a aquisição e a compreensão de novos conhecimentos. Neste sentido, é importante pensar a construção desse vínculo como elemento que funda e “alimenta” o processo de ensino-aprendizagem, além de buscar a compreensão de padrões de relacionamento interpessoal carregados de afetividade (FRANCO, 2016).

De modo específico, os objetivos são: justificar a relevância da linguagem utilizada pelo professor no desenvolvimento do aluno; verificar a evolução do aluno diante da linguagem adequada dos professores.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica que segundo Gil (2017), o processo de desenvolvimento desse tipo de trabalho utiliza fontes de jornais e artigos científicos já existentes, possibilitando ao pesquisador o contato com o que foi escrito.

Os resultados trazem a constatação de que as crianças almejam a troca de interações com professores mais pacientes e menos autoritários, uma vez que o autoritarismo praticado na sala de aula condiciona o sujeito a indisciplina, a apatia, ao desinteresse e a rigidez do corpo.

## 2 Metodologia

Para chegarmos ao objetivo proposto realizou-se uma pesquisa de revisão bibliográfica, de caráter exploratório e qualitativo. Com as seguintes palavras: “Afetividade”, “Linguagem”, “Relacionamento”, “Cognição”, Processo de Ensino-Aprendizagem.

Como critérios de inclusão, definiu-se trabalhos da área temática da Educação no site Acadêmico Google Scholar e Educapes selecionando artigos, além de livros e dissertações, publicados na área.

## 3. A linguagem do professor no processo de ensino-aprendizagem

Como visto na mensagem introdutória deste trabalho, da mesma forma que a palavra é capaz de produzir alegria, emoção e satisfação, ela pode também produzir ódio, tristeza e desprezo. O poder da palavra é mágico, ela destrói ou edifica, dependendo da forma como é proferida e do significado que dela é apreendido. Na relação professor-aluno não é diferente: a palavra tem o poder de conquista ou repúdio. O professor pode criar um elo amigável com seu aluno, despertando a afetividade, a confiança, o respeito mútuo, chegando até mesmo à cumplicidade, ou pelo contrário, a apatia, a desconfiança, o desrespeito. O professor deve inclusive pensar no seu tom de voz para que esteja adequado ao perfil do seu

aluno, o contato pessoal como um beijo, a mão passada na cabeça no momento certo, auxiliam em 55% nas relações interpessoais (RIBEIRO, 2002).

Percebe-se que determinadas crianças que são maltratadas pela família, ou seja, vão sujas, sem cuidados especiais, abandonadas, ou simplesmente que não recebem a devida atenção e carinho por parte de seus pais e/ou pessoas com as quais convivem, apresentam as mais variadas reações que vão desde a rebeldia, a indisciplina, até a indiferença e a mais geral apatia diante de tudo e de todos inclusive da professora apresentando dificuldades para aprender a se relacionar com os outros. Tais crianças ao chegarem à escola tentavam de tudo para chamar a atenção do professor, pois demonstravam o desejo de encontrar nele o afeto que não recebiam em casa, mas infelizmente muitas das vezes não o encontrava (CURY, 2003).

Nesse novo contexto, a relação interpessoal é fator fundamental para que o ambiente escolar seja um espaço de criatividade, interação e de busca de troca coletiva, que engrandeça o saber e faça com que o mesmo seja prazeroso e aberto a novas possibilidades de conhecimento. De acordo com Freire (1996), ensinar exige querer bem aos educandos, o que significa estar aberto à afetividade. É certo que os professores, na condição de seres humanos, cometem muitos erros tentando educar, no entanto, quando estes assumem uma relação afetiva com seus alunos, o processo de aprendizagem torna-se prazeroso, uma troca de experiências, rica para ambos. Muitas vezes, os professores valorizam a razão, o currículo, o conteúdo, o conhecimento específico, em detrimento da relação afetiva, de práticas interdisciplinares e contextualizadas, e da motivação do estudante que de fato contribuem para a educação transformadora (MENDES, 2021), pois isso é fruto da educação e afetividade que os próprios professores tiveram também em sua vida escolar e sua formação, e por isso precisam estar constantemente refletindo sobre suas práticas (RABELO; LIMA, 2021; SALES; CHAVES; CAVALCANTE, 2021), para que possam atentar-se para a importância da afetividade na escola (SARNOSKI, 2014). Quando ocorre o contrário, o aluno fica desestimulado e começa a rejeitar

tudo o que vem do professor e da escola, o que muitas vezes o leva à indisciplina, ao fracasso e à evasão escolar (FREIRE, 1996).

Nesse sentido, o fracasso está relacionado às dificuldades de convivência no âmbito escolar e principalmente na convivência com o professor. Nos relacionamentos interpessoais, a linguagem contribui decisivamente para o desenvolvimento do indivíduo. Este assunto tem sido, inclusive, tema de muitas análises ultimamente. As famílias, nesse caso, com a necessidade vigente de trabalho, acabam dividindo suas responsabilidades com as instituições de ensino, com isso, a família, sem perceber, transfere para a escola, para o professor propriamente dito, a responsabilidade de educar seu filho, acreditando que cabe a ele colocar-lhes limites, ditar-lhes regras de convivência (BOCK, 1996).

Quando o professor é comprometido com um relacionamento que visa o crescimento integral do aluno, tem por responsabilidade se colocar no seu lugar. Assim, fará a diferença ao adquirir subsídios que permitam uma comunicação com os considerados os mais difíceis dos alunos. Quanto mais respeito, carinho e amor o professor tiver, mais ele será admirado, amado e respeitado por seus alunos. Isto facilita a convivência e, por conseguinte, a aprendizagem. Não se quer com isso dizer que o professor não tenha que agir com autoridade em relação ao seu aluno, mas portar-se de forma profissional, ética e respeitosa, não o humilhando, rotulando-o de “burro” ou de outros adjetivos pejorativos (HUBNER; TOMAZINHO, 2001).

### 3.1 A importância da linguagem no desenvolvimento do aluno

O processo de linguagem se dá a partir da vida intrauterina até a morte. Quando ainda está no útero, a criança já começa a se comunicar (usando a linguagem corporal), chutando a barriga da mãe para lhe lembrar, talvez, que tem alguém ali que depende dela e que por muito tempo dependerá. Os bebês nascem sem linguagem verbal devidamente articulada. Aos quatro meses são capazes de ler lábios, discriminar os sons da fala e pronunciar uma série deles no estágio do balbúcio. Em torno do primeiro ano, a maioria das crianças entra no estágio de uma

só palavra e, antes de completar o segundo, no estágio de duas palavras, até enunciar frases muito longas. Muitos autores ainda debatem se nossa capacidade para desenvolver a linguagem é inata ou adquirida, o que tem provocado uma intensa controvérsia intelectual (MYERS, 1999).

Se com o adulto uma linguagem inadequada pode ser danosa à autoestima, com a criança será ainda pior, pois poderá contribuir com a destruição de sua identidade, que é construída primeiramente com os pais na família, pelos professores na escola e, posteriormente, pela sociedade como um todo. Há professores que influenciam seus alunos de uma maneira muito negativa. Há, nesses casos, uma convivência muito conturbada, cheia de atitudes agressivas, permeadas por palavras inadequadas, transformando seus alunos em “indisciplinados”, “hiperativos”. O processo ensino-aprendizagem fica dessa forma, dificultado.

Para que isso não ocorra, torna-se necessário criar um ambiente em que as relações entre professores e alunos seja algo importantíssimo no processo de aprendizagem. É para o professor que são transferidas todas as expectativas do aluno, no que se refere a aquisição de conhecimento. É através do professor que o aluno terá acesso às informações que poderão clarear suas dúvidas em relação a sua origem e seu destino no mundo (CURY, 2003).

### **3.2 Professor: um artesão de relações interpessoais facilitando a aprendizagem.**

Hoje, nos deparamos com uma situação muito diferente, onde o aluno é autônomo, crítico, criativo, competente, emancipado, hábil, solidário, ou seja, um ser integral apto a viver e a conviver, na sociedade contemporânea. A construção desse novo ser envolve, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a aprender (DELORS, 2003).

Na construção de conhecimentos, resultante da relação professor-aluno, é importante que o professor esteja atento ao comportamento do aluno para verificar

quais significações está assumindo, da mesma forma que compreender quais aspectos de sua própria personalidade influenciam em seu comportamento frente à relação que toma com o aluno. Cria-se dessa forma, uma rede de expectativas recíprocas, que pode ser harmoniosa ou não (DELORS, 2003).

Nesse sentido, Freire (1999, p. 159) afirma que

11

[...] Estar aberto ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que haja muita afetividade.

Outrora, um legado passado de pais para filhos de modo absolutamente natural e familiar, a aprendizagem instala-se, no século XVIII, em que a mesma foi influenciada pelo regime rígido e moralista da igreja e a aprendizagem constituía-se num processo disciplinar rigoroso, autoritário e arbitrário, em que o professor falava e o aluno escutava. Nessa perspectiva, a escola passou a ser o centro do saber instituído, o professor, o detentor e transmissor de conhecimentos, o aluno, um depositário destes conhecimentos e a sala de aula um espaço sombrio, silencioso e de mera repetição, o que levou Paulo Freire (1996, p. 27) a denominar sabiamente esse processo de “ensino bancário”.

Isso se torna ainda mais produtivo quando o professor se relaciona com seu aluno de forma agradável, amiga, prazerosa, proferindo palavras de incentivo, de encorajamento, vivenciando aquilo que é testemunhado dentro de sala de aula para com seu aluno. Essas ações elevam a autoestima do aluno, fazendo com que ele chegue à “escola” sem medos, modelos, dificuldades e desejos, e tem que aprender os valores da instituição e conviver com diferentes visões de mundo. Desta forma, o professor deve promover o bem-estar de seus alunos através de uma linguagem

afetiva favorecendo a apreensão dos conhecimentos para que chegue a aprendizagem (DELORS, 2003).

Daí a importância estratégica da palavra, que tem o poder de fortalecer os elos de afeto rompidos nos alunos, criando neles um vínculo positivo com o professor. Nesta relação, fortalecida pela amizade, pelo amor, pelo carinho e pelo respeito, o professor vai conquistando seu aluno e levando-o a agir de forma mais segura. Assim, o aluno se sente tão bem que deseja que chegue a hora de ir para a escola, espaço onde sua autoestima está sendo edificada (CURY, 2003).

Outro grande educador que entendia e valorizava o processo de afetividade é Paulo Freire. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, Freire (1999, p. 148) fala sobre a importância dos pequenos gestos, palavras e olhares de respeito e de qualificação do professor com seu aluno adolescente: “Este saber, o da importância [dos] gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos que refletir seriamente”. Ainda sobre afetividade, Freire (ibidem, p. 47) afirma: “Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”.

No processo de conquista do aluno, o elogio também desempenha importante papel. Para Cury (2003, p. 143), “o elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a autoestima”. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas. Há pais e professores que nunca elogiaram seus filhos e alunos.

Cabe reforçar que, mais que um instrumento de comunicação, um vínculo de informação e uma articulação de símbolos ou sinais, a linguagem permeia tudo o que nos cerca. Ela existe para servir de mediadora nas relações do homem (ser falante), único ser a compartilhar suas experiências por meio de significados (VIEIRA, 2006).

Assim, o professor pode oferecer as condições necessárias para que a autoestima de seus alunos seja elevada, encorajando-os, estimulando-os, elogiando-os, enfim, fazendo-os entender que são seres merecedores de atenção e



respeito. Conforme Freire (1996, p.109) “quanto mais solidariedade existe entre o educador e o educando, (...) mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola”.

#### 4 Considerações finais

11

O presente trabalho buscou evidenciar que crianças aprendem o que vivenciam e o professor pode ajudá-las a lidar com o medo, a hostilidade, assim como ensiná-las a desenvolver a autoconfiança, a coragem, o senso de verdade e justiça, o amor e o respeito aos outros. O professor deve ter o cuidado de não fazer ao seu aluno aquilo que não queira a si mesmo. Uma criança envergonhada é um aluno bloqueado, traumatizado, sem sonhos e sem esperanças. Além disso, do ponto de vista legal, tanto escola quanto professores podem vir a sofrer sanções, caso fique comprovado maus tratos.

É árdua a tarefa do professor de educar de maneira mais abrangente, ou seja, de forma a levar seus alunos a estarem em constante busca de conhecimentos, como também formar indivíduos pensantes, capazes de expressar sua cidadania. Portanto, essa tarefa deve ser encarada com responsabilidade.

O ofício de ensinar é um dos mais importantes recursos na formação do ser humano. Para quem abraça esse trabalho, é fundamental ter a consciência de que é preciso tratar a criança como ser em desenvolvimento. O tratamento dado aos alunos deve temperar amor e disciplina, compreensão e firmeza, sem perder de vista a necessidade de analisar e acompanhar, sempre que possível cada aluno individualmente, inclusive, é fator primordial para o desenvolvimento cognitivo.

O professor deve promover o bem-estar na sala de aula, mantendo ali um clima amoroso e evitando recriminações. Deve vivenciar aquilo que diz para servir de exemplo e validar o que aconselha. Deve ser um farol. Se falhar na função de “iluminar”, muitos de seus alunos naufragaram. O ideal é que leciono explicando e demonstrando cada conhecimento envolvido na situação de aprendizagem. Seja este conhecimento de ordem afetiva, social ou científica.

O professor é um ser passível de todos os sentimentos, ou seja, tem seus problemas, suas frustrações, suas angústias, tristezas, alegrias, dores, enfim, é um ser igual a tantos outros, mas o único, que ao influenciar seu aluno raras vezes tem a oportunidade de voltar atrás e corrigir os erros que por ventura tenham cometido, ou seja, quando isso ocorre com os pais por exemplo, a criança pode através do convívio familiar vir ter a oportunidade dos pais de reparar o seu erro, mas quando se refere a um professor se torna mais difícil esta oportunidade, visto que a cada ano de escolaridade é feita, na maioria das vezes a substituição do profissional de educação. Às vezes, quando o professor percebe o equívoco em suas atitudes, provoca situações para reverter o quadro atual, ou seja, procura seu aluno para se desculpar.

Quando os professores agirem maneira competente, farão de sua aula o espaço onde se pode conversar-dialogar com os alunos, trocando experiências, muito respeito, amor, não se esquecendo de que a linguagem afetiva é um dos meios mais eficazes num relacionamento, principalmente quando se trata de professor/aluno, pois uma linguagem inadequada atribuída a autoridade do professor prejudica a aprendizagem do aluno.

## Referências

- BOCK, A. M. B. *et al.* **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 4. ed; São Paulo: Saraiva, 2001.
- CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo, 2003.
- FEITOSA, I. de O. **A afetividade na escola fundamental na perspectiva da criança**. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação - Fortaleza, 2018.
- FRANCO, M. A. do R. S. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. Rev. bras. Estud. pedagog. (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANI, L. M. T. **Autoridade do Professor: meta, mito ou nada disso.** São Paulo: Cortez, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

11

HUBNER, M. M. C. TOMAZINHO, R. C. Z. Correspondência entre o dizer e o fazer do professor e seus efeitos no comportamento do aluno: um estudo de caso. In: VASCONCELOS, Maria Lúcia de Carvalho. (Org). **Disciplina, escola e contemporaneidade.** São Paulo: Mackenzie, 2001, pp,63-75.

MENDES, G. da S. Uma reflexão sobre educação: currículo. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 3, n. 3, p. e335491, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i3.5491. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5491>. Acesso em: 9 ago. 2021.

RABELO, F. S.; LIMA, M. S. L. A relação teoria-prática pela pesquisa na formação inicial do pedagogo. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1–11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5608>. Acesso em: 9 ago. 2021.

RIBEIRO, C. **Comunicação verbal.** SESC, 2002.

SALES, M. J. F. S. e .; CHAVES, P. J. da S. .; CAVALCANTE, M. M. D. . A Didática no horizonte do ensino com pesquisa. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 1, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5987>. Acesso em: 9 ago. 2021.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. Afetividade no processo ensino-aprendizagem. **Revista de educação do IDEAU**, v. 9, n. 20, 2014.

VIEIRA, J. A. **Cuidado com sua fala, ela pode ter poder.** Folha Universal. Crônica. Dom, 02 de abr; 2006.

ZITKOSKI, J. J. HAMMES, L. J. KARPINSKI, R. **A formação de professores na contemporaneidade: perspectivas interdisciplinares.** Lajeado : Ed. da Univates, 2017. p.256.

<sup>i</sup> **Carlos Henrique Nascimento de Cristo Junior**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0507-3156>

Prefeitura de Campos dos Goytacazes

Professor de Educação Física na Prefeitura de Campos dos Goytacazes, Especialista em Psicomotricidade e Educação Especial. Pesquisador do LIMDA (Laboratório de Inclusão, Mediação Simbólica, Desenvolvimento e Aprendizagem).

Contribuição de autoria: concepção e desenho do artigo; revisão e análise da literatura; escrita do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7183472201212413>

E-mail: [carlos.cris.jr@gmail.com](mailto:carlos.cris.jr@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Luiz Eduardo de Oliveira Neves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4932-9897>

Prefeitura Municipal de Cariacica

Pesquisador do LIMDA (Laboratório de Inclusão, Mediação Simbólica, Desenvolvimento e Aprendizagem); Professor de Educação Física e Educação Especial na Prefeitura Municipal de Cariacica, Especialista em Diversidade e Inclusão, treinador Paralímpico de atletismo Nível III.

Contribuição de autoria: concepção e desenho do artigo; revisão e análise da literatura; escrita do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7548913058112196>

E-mail: [eduardoneves2012@hotmail.com](mailto:eduardoneves2012@hotmail.com)

<sup>iii</sup> **Dalva Teresinha de Souza Zardo Miranda**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0724-9058>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

Professora EBTT de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul; Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Paraná; Estágio pós-doutoral em andamento no Laboratório de Biociências da Motricidade Humana na Universidade Tiradentes, Sergipe

Contribuição de autoria: concepção e desenho do artigo; revisão e análise da literatura; escrita do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0026846500140475>

E-mail: [dalva.miranda@ifms.edu.br](mailto:dalva.miranda@ifms.edu.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

### Como citar este artigo (ABNT):

CRISTO JÚNIOR, Carlos Henrique Nascimento; NEVES, Luís Eduardo de Oliveira; MIRANDA, Dalva Teresinha de Souza Zardo. Influência da linguagem do professor no processo de ensino-aprendizagem. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021.